

Jornalismo Contextualizado com o Semiárido e Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido: uma união que fortalece o protagonismo juvenil¹**Contextualized Journalism with the Semi-arid and Contextualized Education for Coexisting with the Semi-arid: a union that strengthens juvenile protagonism**

Carla Conceição da Silva Paiva²
Neucimeire Santos de Souza³

Resumo:

O Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro (JCSAB) e a Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro (ECSAB) são propostas que compreendem essa região de modo coerente com as realidades dos povos, culturas, natureza e costumes praticados. Buscam ainda enxergar as potencialidades e possibilidades do Semiárido brasileiro, bem como os desafios e problemas enfrentados pelas pessoas que moram nesse lugar, sem recorrer aos estereótipos da seca, da fome e miséria, que são frequentes no imaginário e na representação desse território. Este artigo investigou os resultados da articulação entre JCSAB e ECSAB, a partir da realização de uma Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro na Escola Municipal João Borges de Sá/ Espaço Municipalizado Senhor do Bonfim, localizada na cidade de Uauá-BA. Foram examinadas sete reportagens produzidas por estudantes, resultado da referida oficina, por meio da Análise Crítico Discursiva. Foi possível entender que as referidas propostas permitem aos/às jovens desenvolver habilidades, fazendo-os/as romper com representações homogêneas sobre essa região para dar visibilidade à diversidade e aos aspectos do Semiárido que não se encontram, com frequência, na grande mídia, como a cultura, a educação, a história e o esporte, ultrapassando a barreira da paralisia do estereótipo.

Palavras chave: Jornalismo; Educação; Contextualização; Semiárido; Análise Crítico Discursiva.

Abstract:

Journalism Contextualized with the Brazilian Semi-arid Region (JCSAB) and Contextualized Education for Coexisting with the Semi-arid Brasileiro (ECSAB) are proposals that understand this region in a way that is coherent with the different realities of the peoples, cultures, nature and customs practiced. They also seek to see the potential and possibilities of the Brazilian Semi-arid, as well as the challenges and problems faced without resorting to the stereotypes of drought, hunger and poverty, which are frequent in the imagination and representation of this territory. This article investigated the results of the articulation between JCSAB and ECSAB, from the realization of a Journalism Workshop Contextualized with the Semi-arid at the João Borges de Sá Municipal School/ Senhor do Bonfim Municipal Space, located in the city of Uauá-BA. Seven reports produced by students, resulting from that workshop, were examined through Critical Discursive Analysis. It was possible to understand that these proposals allow young people to develop skills, making them break with homogeneous

¹ Número de aprovação da pesquisa no comitê de ética: 19402619.4.0000.0057.

² Doutora em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas. Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Pesquisadora do grupo Educação, Sociedade e Desenvolvimento. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8619-2167>. E-mail: ccspaiva@gmail.com.

³ Mestra em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7335-6601>. E-mail: neucimeire@gmail.com

representations about this region to give visibility to the diversity and aspects of the Semi-arid region that are not often found in the mainstream media, surpassing the barrier of paralysis of the stereotype.

Keywords: Journalism; Education; Contextualization; Semi-arid region; Critical Discursive Analysis.

Introdução

A desinformação e a estereotipia rondam as produções midiáticas realizadas sobre o Semiárido brasileiro. No cinema, na televisão, nas artes, na fotografia e em outros meios de comunicação, o conteúdo desenvolvido persiste em apresentar, por exemplo, imagens de cabeça de gado morto, o chão seco, empoeirado e rachado e a família pobre que mora numa casa de taipa. Assim, paulatinamente, os sofrimentos, a seca e a miséria se tornam, erroneamente, sinônimos da região. Essa marca, que envolve não apenas o jornalismo, mas também o imaginário da maioria das pessoas espalhadas pelo Brasil, quiçá, do mundo, de certo modo, contribui para que se compreenda a região, muitas vezes, apenas a partir do que é mostrado.

Para Albuquerque Júnior (1999), essa formulação discursiva e imagética, construída ao longo de anos, é tão forte e consistente que “dificulta, até hoje, a produção de uma nova configuração de ‘verdades’ sobre esse espaço” (p. 49). Tal autor salienta também que, com a seca que ocorreu entre 1877 a 1879 e sua repercussão, as elites do então Norte, hoje Nordeste, descobriram uma arma poderosa, capaz de conquistar um tratamento igual ao que era dado à região Sul pelas autoridades do Brasil, na época. Divulgá-la foi uma das grandes estratégias para ganhar visibilidade e conseguir recursos financeiros para a região (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999).

A seca e seus derivados repercutem na mídia, ao longo dos anos, com poucas alterações nas informações transmitidas e representadas sobre o Semiárido brasileiro (SAB). Em 1920, um jornal paulista retratava a região do seguinte modo:

[...] Incontestavelmente o Sul do Brasil, isto é a região que vai da Bahia até o Rio Grande do Sul, apresenta um tal aspecto de progresso em sua vida material que forma um contraste doloroso com o abandono em que se encontra o Norte, com seus desertos, sua ignorância, sua falta de higiene, sua pobreza, seu servilismo (OESP, 1920, p. 4 apud ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 43).

Decorridos quase cem anos, em 2019, a reportagem televisiva, intitulada “Lampião é julgado no sertão pernambucano, 81 anos após sua morte”, inclui, no texto e imagem, elementos semelhantes ao do jornal paulista citado acima. A matéria, exibida nacionalmente pela Rede Globo de Televisão, aborda a simulação do julgamento de Lampião, um dos líderes do Cangaço, realizada em Petrolina-PE, por estudantes de um curso superior em Direito, tendo o auxílio de

atrizes e atores. Apesar do direcionamento específico, onde se subentende que as gravações iriam acontecer em um ambiente fechado, próprio de júri, a equipe de reportagem também escolheu enquadrar itens externos como os cactos, o sol, a caatinga cinza e o chão com poucas árvores, provocando uma sensação de deserto.

No texto do repórter Ernesto Paglia, há a presença de frases como: “É preciso saber em que ambiente ele nasceu, a caatinga, a secura, os espinhos do sertão nordestino” e “A sombra de Lampião vai seguir na caatinga como a própria paisagem, parte da vida sertaneja, dura e espinhenta” (GLOBOPLAY, 2019). As imagens e o texto constroem o início e o fim da reportagem, ressaltando e reafirmando o olhar fixo e paralisado no ambiente seco, na vegetação de cactáceas, nas dificuldades da vida na região, na estereotipia, assim como foi feito no passado.

O jornalismo, construído dessa forma, não leva em consideração que problemas existem em todas as regiões do país, do mundo e não busca as razões ou possíveis soluções para eles, deixa de perceber os valores do Semiárido brasileiro, se abstém de observar que o bioma caatinga não é formado só por cactos, mas também por uma rica e vasta flora e fauna. Não se atenta para os períodos de chuva, de verde, de coloridos que compõem esse tipo de paisagem, se mantém na mesmice de séculos e não permite conhecer as viabilidades e as potencialidades experimentadas e construídas na região.

Com o intuito de compreender e retratar o Semiárido na sua diversidade, uma nova proposta de comunicação tem sido pesquisada e conceituada como Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro (JCSAB). O termo pretende investir

[...] nas variadas possibilidades de representações sobre esses territórios que se aproximem da realidade, sem omissões e/ou distorções, com uma diversidade de produção de sentidos, temáticas e abordagens, onde o enfoque jornalístico caminha de forma equilibrada com a proposta educativa (SANTOS, 2016, p. 18).

O JCSAB foi objeto de estudo desta pesquisadora no Programa de Pós-graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA), vinculado à Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Como parte dessa investigação, foi realizada, entre os dias 4 a 13 de novembro de 2019, uma Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro, com 23 estudantes da Escola Municipal João Borges de Sá/ Espaço Municipalizado Senhor do Bonfim, localizada em Uauá-BA, cidade que tem sido palco para várias experiências relacionadas à Convivência com o Semiárido, que pretende efetivar ações e projetos coerentes com a realidade regional.

A escola referida foi escolhida por agregar a maior quantidade de estudantes do ensino fundamental em todo o município, mais de setecentos discentes. A participação dos estudantes foi definida a partir de inscrições voluntárias que resultaram na manifestação de interesse de 28 pessoas, sendo 17 meninas e 11 meninos, das turmas do 7º e 8º ano, vespertinas e matutinas, com idade entre 12 e 15 anos. Alguns/as desses/as participantes desistiram da oficina, chegando ao final e contribuindo, efetivamente, 23 estudantes.

A oficina envolveu dois momentos. O primeiro buscou compreender como os/as jovens recebiam as reportagens advindas do JCSAB, produzidas pela WEB TV Caatinga, emissora vinculada à Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), que tem entre as metas, o interesse em propagar informações contextualizadas com ambiente local e regional. Depois, técnicas básicas do jornalismo foram ensinadas aos/às estudantes com o intuito de que esses/as produzissem suas próprias reportagens e, assim, explicitassem sua visão sobre o espaço onde moram e seu modo de construir o JCSAB. Nesse processo, foi utilizado o celular dos/as participantes para gravar as imagens das matérias, o computador de um amigo da pesquisadora e o espaço do laboratório de informática da escola para edição do material. Além disso, todas as explanações sobre as técnicas básicas do jornalismo foram projetadas no aparelho *data show* da escola.

A utilização de tecnologias digitais nos espaços educacionais permitiu maior engajamento dos/as alunos/as. Moreira (2018), que verificou, em diferentes municípios, o papel inovador e preponderante das novas mídias no comportamento da juventude do Semiárido brasileiro, adverte que, seja em projetos sociais, no dia a dia, na zona urbana ou rural “quase todas as experiências de superação dos dilemas e conflitos da juventude nos sertões contemporâneos hoje passam pelo uso inovador das tecnologias da informação” (p. 261). Conforme essa autora salienta, tais tecnologias são requisitadas no ambiente juvenil e funcionam como passaporte para uma realidade distinta daquela vivida pelos/as jovens do sertão de outrora, como o trabalho no campo e a vida limitada a sofrer os limites impostos pela seca.

Essa constatação foi relevante para a realização da oficina que permitiu a aproximação dos/as estudantes com uma área, muitas vezes, vista de longe, o jornalismo, e concedeu a prática do fazer, algo que potencializa e fortalece a construção de saberes. O jornalismo foi escolhido para o estudo por conta de sua participação, ao longo de anos, na construção de uma imagem equivocada e limitada sobre o Semiárido brasileiro, que se espalhou através de reportagens na TV, no rádio ou no impresso. Isso começou a acontecer desde o século XIX, quando a seca foi

descoberta pela imprensa (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999) e se estende até os dias atuais com uma comunicação que, mesmo quando não há necessidade, evoca os elementos negativos e estereotipados da região.

A escola, por sua vez, se encaixa, nesta pesquisa, por ser uma das bases para a formação humana e profissional, uma vez que nela são moldados os conhecimentos ou desconhecimentos sobre as questões locais e globais. Além disso, recorrer aos espaços formativos e educativos seria uma oportunidade de promover reflexões, críticas e reconstruir um modo de pensar a região semiárida e o jornalismo a partir do contato com jovens e adolescentes que se encontram no momento propício para novas aprendizagens. Nessas instituições, principalmente, aquelas localizadas no Semiárido brasileiro, também é preciso uma abordagem regional adequada e a transmissão de um ensino coerente sobre suas realidades. Por esse motivo, tem-se buscado promover a Educação para a Convivência com o Semiárido Brasileiro (ECSAB), que é a “defesa de uma contextualização da educação, do ensino, das metodologias, dos processos” (MARTINS, 2004, p. 32), algo que permite, entre outras coisas, o protagonismo e o fortalecimento de estratégias para viver bem na região.

Nesse contexto, este artigo apresenta a descrição de uma parte da pesquisa do mestrado e se dedica a analisar, a partir das reportagens produzidas pelos/as estudantes, quais os resultados da articulação entre Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro e a ECSAB. Intuito realizado utilizando a Análise Crítica Discursiva (ACD).

Jornalismo e educação contextualizados com o Semiárido brasileiro

Assim como o jornalismo, é comum a educação abordar o Semiárido a partir do olhar da estereotipia. Kruger (2004) afirma que estereótipo é uma “crença coletivamente compartilhada acerca de algum atributo, característica ou traço psicológico, moral ou físico atribuído a um agrupamento humano” (p. 36). Esse rótulo pode ser negativo ou positivo, mas, geralmente, se o assunto é o SAB é persistente a construção imagética e discursiva baseada nas colocações desfavoráveis à região. Silva (2010) explica a origem desse problema a partir da ciência moderna, do complexo sistema desenvolvimentista e capitalista, que desconsidera as particularidades universais. Ainda segundo ele, “o paradigma clássico - universal, mecânico e neutro - de inovação nos legou uma educação que aliena e domestica ao homogeneizar o Semiárido brasileiro (SAB), ignorando a diversidade das relações, significados e práticas entre as diferentes formas e modos de vida na região” (p. 3).

A educação, que se dirige há vários lugares do Brasil, inclusive ao Semiárido, é descontextualizada e fornece, majoritariamente, conteúdos oriundos da região Sudeste, principalmente, da área urbana (MARTINS, 2004), ou quando apresentam elementos da região, esses não são abordados com informações profundas e coerentes. Problema que leva os sujeitos a não refletirem sobre suas realidades, correndo o risco de se tornarem vulneráveis às informações falsas provenientes de meios, como o próprio jornalismo. Além disso, a falta do ensino contextualizado desvaloriza as riquezas e possibilidades e impede a elaboração de soluções para os problemas locais e regionais.

Ressalta-se, que contextualizar não se trata de direcionar a atenção apenas para o local. Reis (2004) realça que esse movimento consiste em partir desse espaço para poder adquirir conhecimento das realidades regionais e globais, compreendendo que essa forma de interação facilita o entendimento das questões sociais, culturais, históricas e éticas do próprio sujeito e comunidade, bem como, de outras nações e povos. Para Martins (2004), a prática da contextualização também envolve uma ação política, pois é preciso descolonizar atitudes e pensamentos, ou seja, romper com lógicas estabelecidas de fora para dentro, de instituições “superiores” para “inferiores”, bem como, “miúdas colonizações que não se prendem às grandes oposições, mas estão especialmente embutidas e consolidadas na linguagem cotidiana, na língua oficial, na sexualidade, nas identidades, nas regionalidades etc.” (p. 24), por meio do livro didático, por exemplo.

Paulo Freire (1987) alerta para essa questão, quando descreve que a educação brasileira se apresenta, em muitos momentos, como simples depósito de informação, no qual o/a professor/a chega na sala de aula, na posição daquele que tudo sabe, e descarrega narrativas, conteúdos programados para o/a aluno/a que é interpretado como um espaço vazio, obrigado a memorizar as informações e a se comportar como um recipiente. Nesse tipo de educação “bancária”, como intitulou esse autor, a pessoa se torna incapaz de interagir, de construir e assimilar o conhecimento com suas experiências de vida. Na verdade, o currículo escolar desse modelo passa longe da realidade do/a estudante, além disso, a relação entre docente e discente não contribui para a construção dos sentidos daquilo que se estuda. Há a memorização da tabuada, das capitais do Brasil, das regras ortográficas e gramaticais etc., porém, não é promovida a compreensão de como isso se torna útil e significativo no dia a dia do sujeito.

A proposta Freireana, ao contrário, sugere uma educação libertadora, que promova o diálogo e a aproximação com a realidade vivida, afirmando que o papel do educador

(...) não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão do mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua *situação* no mundo, em que se constitui. A ação educativa e política não pode prescindir do conhecimento crítico dessa situação, sob pena de se fazer ‘bancária’ ou de pregar no deserto (FREIRE, 1987, p. 49).

O que Paulo Freire (1987) defende se aproxima bastante da ideia de Educação Contextualizada com o Semiárido brasileiro que está “ancorada na realidade e nas práticas dos povos do Semiárido, com metodologias, conteúdos, currículos, educadores e educadoras, didáticas e estruturas apropriados à região, levando em conta suas potencialidades socioculturais, econômicas e ambientais” (BRAGA, 2004, p. 26). Para Reis (2004), uma pessoa instruída, a partir dos parâmetros da ECSAB, “jamais se deixará enganar por processos excludentes e/ou desenraizantes, como foi até então a missão da escola” (p. 120-121).

Aspectos metodológicos

Em Uauá, depois de aprofundar os conhecimentos sobre a região semiárida, conhecer a proposta do Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro e assistir algumas reportagens condizentes com esse conceito, a turma de 23 estudantes se dividiu em seis grupos com a missão de produzir, cada equipe, uma matéria jornalística. Essa foi a primeira experiência do tipo na vida dos/as jovens. Em oito encontros, os/as participantes tiveram acesso as técnicas básicas de jornalismo, com informações sobre elaboração de pauta, construção de texto, captura de imagem, edição, entrevista e narração. Cada estudante tinha uma função específica no grupo: produtor/a, repórter, cinegrafista ou assistente de edição, sabendo que a atividade em equipe consistia em todos/as se ajudarem, independente do cargo estabelecido.

Este artigo tem como proposta analisar essas produções a partir da Análise Crítica Discursiva, que busca revelar o que se encontra encoberto nas formas de linguagens, através de textos, imagens etc., bem como, elementos exteriores ao discurso, como o contexto onde o sujeito vive, possibilitando o entendimento da construção social da realidade e dos aspectos de controle e poder envolvidos em uma mensagem (NOVODVORSKI, 2013). Para Magalhães (2001), o principal objeto de estudo da ACD “são os aspectos discursivos da mudança social contemporânea” (p. 27), ou seja, o método evidencia as transformações sociais a partir das diferentes formas de enunciar algo.

Assim, foi possível identificar a força das narrativas, os significados e sentidos que elas apontam no cenário que conecta o jornalismo e a educação contextualizados com o Semiárido.

O resultado dessa apreciação será descrito adiante, observando a escolha da pauta, ou seja, o assunto da reportagem, o modo como foram construídas as imagens, os textos e a edição das matérias.

Apesar de serem seis grupos, foram analisadas sete reportagens que estão disponíveis no *Instagram* da Escola Municipal João Borges de Sá/Espaço Municipalizado Senhor do Bonfim, nesse link: <https://www.instagram.com/escolamunicipaljoao/>. Isso porque um dos grupos, por livre vontade e por conta da logística do momento, decidiu construir duas matérias. As escolhas foram debatidas em grupo, tendo em vista as condições de realização da reportagem, entre elas, a dificuldade de descolamento para locais distantes da sede, os poucos dias para execução do projeto e o tempo de duração da matéria, entre dois a três minutos.

A pauta como um elemento que caracteriza o cotidiano dos/as estudantes

Na primeira reportagem analisada - A arte de Chico Mocó -, os/as estudantes abordaram um artista local que há 17 anos se caracteriza como um velhinho e leva humor para o rádio e para os variados eventos que participa. A matéria apresenta Chico Mocó como fonte principal e única, conta a história, o objetivo desse personagem e as situações mais significativas da sua carreira, como o dia em que uma pessoa depressiva passou a sentir alegria de viver, a partir, do contato com o humorista. Algo que possibilita maior conhecimento sobre o trabalho desenvolvido e a importância desse personagem para as pessoas.

Ao pautar Chico Mocó, os/as jovens transportaram o olhar para o que acontece ao redor deles. Dedicaram-se a observar seu ambiente, os/as artistas que nele atuam e se esforçaram para compreender a relevância desse trabalho na realidade das pessoas uauaenses. Há aqui dois movimentos importantes, o primeiro é o de dar visibilidade a alguém que, às vezes, por estar tão perto, corre o risco de ser ignorado. Os/as alunos/as ultrapassaram essa barreira, reconheceram a relevância do trabalho do humorista e entregaram isso para os/as receptores da matéria dando a estes/as a oportunidade de também enxergar valor no que ele desenvolve.

O segundo aspecto engendrado por esses/as comunicadores/as, por sua vez, consistiu na percepção e transmissão do impacto que a arte de Chico Mocó tem na vida das pessoas. Não se trata somente de um artista de Uauá, mas também de uma pessoa capaz de tocar a vida do povo, contribuir de alguma forma para o entretenimento e bem estar. A pauta ganha, assim, ainda mais significado e coerência com a realidade localmente vivida. É isso que o JCSAB possibilita

e quer evidenciar, os elementos que fazem sentido na vida das pessoas, que fazem parte de suas identidades, que são reais para elas e que precisam ser propagados.

O grupo responsável pela matéria foi o autor das duas reportagens. A sua segunda produção abordou a História de Uauá dando ênfase à opinião das pessoas sobre a cidade. Quatro entrevistados/as expõem características positivas do local, como o bom acolhimento, a tranquilidade e a culinária, destacando o afeto que tem pela carne de bode e o cuscuz. Eles/as realçaram ainda a necessidade de mais investimentos, por parte dos governantes locais, em empregos para que os/as jovens não precisem migrar para outras cidades.

Entre informações sobre o local e elogios, a pauta permitiu destaque para um problema importante: a pouca oportunidade de trabalho que faz o/a jovem sair do município. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a proporção de pessoas ocupadas em Uauá, no ano de 2018, era de 7,1%, isso em relação à população uauaense total que no Censo de 2010 apontava 24.294 habitantes. Um número baixo se comparado com os dados de Juazeiro-BA, 18,2% (IBGE, 2018), município, relativamente, próximo à Uauá onde se localiza a UNEB.

Assim, aqueles/as que não têm a oportunidade ou desejo de morar fora permanecem em Uauá sem perspectivas, correndo o risco de se envolver com drogas, prostituição ou bebidas alcólicas, como tem acontecido com muitos. O Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) do município atende as famílias de alguns usuários de álcool e drogas realizando, entre os anos de 2017 e 2020, o acompanhamento de quatro usuários de álcool e sete famílias relacionadas ao consumo de drogas.

Diante da realidade aparente, onde é fácil encontrar pelas ruas de Uauá pessoas bêbadas e se tem conhecimento de vários jovens viciados/as em droga, o coordenador do CREAS, José Valdevan da Silva, acredita que existem muito mais casos e que as famílias assistidas não são as únicas a sofrerem esse tipo de vulnerabilidade. Segundo ele, há pouca procura pelo tratamento na unidade e, por mais que haja divulgação das ações, as pessoas demonstram certo preconceito, receio com o tratamento e com a exposição pessoal, apesar de ser mantido sigilo da identidade de todos/as os/as acompanhados/as (SILVA, 2020).

Desse modo, a reportagem dos/as estudantes aponta para uma questão urgente que deve ser observada pelas autoridades públicas e pela sociedade civil. Além disso, o enfoque dessa produção jornalística não envolve o problema da seca, fugindo da mesmice das pautas homogêneas sobre a fome e a miséria causadas pela estiagem no Semiárido brasileiro, aponta

ainda que nessa região existem outros desafios, que também merecem atenção e propostas eficazes.

Optando por um tema que se conecta à dimensão do lazer, alguns/mas estudantes destacaram a prática de um esporte muito comum no município, o ciclismo. O encaminhamento dessa produção se deu a partir da relação da atividade com a saúde dos praticantes, algo que melhora o condicionamento físico, diminui o peso corporal e evita doenças cardíacas e respiratórias. Na matéria, os benefícios e os cuidados que devem ser tomados ao praticar o esporte foram explicados por uma enfermeira local e um ciclista amador.

Nos últimos anos, é perceptível o crescimento do número de adeptos ao ciclismo em Uauá. Atualmente, existem três grupos oficiais de ciclistas na cidade, sendo eles: Sertão Bike, que tem registro em cartório, Pedal Caatingueiro e Pedal com Saúde. Os membros se reúnem, frequentemente, para fazer trilhas no município e em cidades próximas, organizam eventos de ciclismo e orientam pessoas que tenham o interesse em iniciar no esporte. Ao todo, estima-se que cerca de 100 ciclistas sejam ativos nesses grupos, mas diversas outras pessoas pedalam, eventualmente, durante a semana sem estarem vinculadas a equipes específicas.

Outro sinal do fortalecimento dessa prática é a realização de eventos maiores que agregam pessoas da sede, do interior e de cidades próximas com o objetivo de percorrermos, juntos, uma trilha específica. Em 2018 e 2019, aconteceram a primeira e a segunda edição do Cicloturismo Uauá, promovido pelo grupo Sertão Bike. De acordo com Mismar Lima (2020), sócio fundador do grupo, a cada ano os eventos reuniram, aproximadamente e respectivamente, 800 e 1.000 ciclistas. A reportagem dos/as estudantes ecoa uma prática vivida intensamente pelo povo de Uauá e região, revelando que, nessas terras semiáridas, há espaço para o esporte. No contexto das reportagens estereotipadas, exemplificadas na introdução deste artigo, é difícil imaginar uma matéria sobre o Semiárido que tenha dado voz para um tema como esse, por exemplo.

Ainda no campo do desporto, outro grupo de estudantes decidiu informar sobre os Jogos Interclasse ou Jogos Estudantis que iriam acontecer na escola. Tal recreação consiste em um campeonato disputado entre turmas, com modalidades diversas, entre elas: futsal, baleado⁴, corrida de revezamento, salto em distância, boliche, arremesso de peso etc. Durante dois dias, os/as estudantes dividem o tempo entre o estudo em sala de aula e a competição que acontece na quadra da escola ou no ginásio municipal.

⁴ Jogo em que duas equipes tentam acertar seus adversários com uma bola lançada com as mãos. Quem é atingido, muda de posição na quadra e a brincadeira segue até todos de uma equipe serem completamente “baleados”, ou seja, tocados pela bola em movimento.

Na matéria, a equipe deu destaque à programação do evento, aos locais de realização e às modalidades disputadas. Na fala de uma professora, é possível perceber um dos objetivos dos Jogos Interclasse para a instituição educativa: fazer com que os/as estudantes repensem a indisciplina, mudem comportamentos ruins e reflitam sobre sua postura enquanto cidadãos. A aluna que foi entrevistada participa dos jogos e demonstrou sua expectativa, dando indícios de que essa ação desperta interesse em todos os/as discentes. “Estou ansiosa para que os jogos interclasse comecem e já estou treinando muito”, disse ela.

Esse momento se torna um espaço de divertimento para o/a estudante, uma recreação necessária para a formação do sujeito. Talvez, por conta disso, os Jogos Interclasse foram pautados, eles são especiais para o/a aluno, o que salienta quais aparatos fizeram parte da elaboração do tema da reportagem do grupo. Além disso, a prática de esportes é recorrente na cidade, pela manhã ou no fim da tarde, é comum ver as pessoas se dirigindo a campos de futebol, voleibol, basquete ou trilhas com a bicicleta. Dessa maneira, os/as estudantes souberam captar bem os aspectos contextualizados do ambiente onde vivem.

A escola foi o espaço mais pautado pelas equipes. Das sete reportagens, quatro envolviam essa instituição, reforçando a ideia de que a escolha do assunto a ser abordado faz relação direta com o dia a dia desses/as jovens. Assim, um grupo decidiu tratar sobre a falta de respeito dos/das estudantes com os/as professores/as, alegando que é frequente o uso de ofensas, xingamentos e outros insultos para com esses/as profissionais. A reportagem apresenta o relato de um professor da instituição que, depois de expulsar um aluno por conta de badernas em sala de aula, passou a ser perseguido fora da escola e ofendido com palavrões pelo discente. Ao mesmo tempo, a produção dos/as estudantes alerta para as consequências negativas que esse tipo de comportamento causa, ressaltando a desmotivação que o professor passa a sentir.

Tal problema não é vivenciado apenas nessa escola ou somente no município de Uauá. De acordo com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Brasil é o país que mais sofre violência nas escolas, seguido pela Estônia e pela Austrália. Os dados são de 2013 e apontam que 12,5% dos professores brasileiros que participaram do estudo eram vítimas de agressões verbais ou morais pelo menos uma vez por semana. Nos demais países, que ocupam o segundo e terceiro lugar no *ranking*, esses dados são de 11% e 9,7%, respectivamente (FLACSO, 2019). Tem-se, então, nessa produção jornalística dos/as participantes da oficina, o destaque para uma questão local que pode ser assimilada a outros níveis, como o global ou regional, assim como explicou Reis (2004) ao tratar da educação contextualizada.

Ao final dessa reportagem, a equipe produtora escolheu, pelos recursos da edição, deixar a fala de uma professora que lembrou a importância do docente para a formação e profissionalização dos/as jovens: “O professor é de fundamental importância para a humanidade, a gente sabe que a base para todos os problemas ou pontos positivos na humanidade parte da educação. O professor é aquele que traz como base todo esse princípio de formação humana”. Uma mensagem de incentivo ao respeito e à valorização que permite compreender os desafios e necessidades da sala de aula, apoiados na visão de quem convive nesse local.

Outro problema que motivou os/as jovens jornalistas foi a evasão escolar, “um processo muito complexo, dinâmico e cumulativo de saída do estudante” (SILVA FILHO; ARAÚJO, 2017, p. 35) da escola, “uma das fraquezas do sistema educacional brasileiro e uma questão longe de estar resolvida” (p. 45). O tema é bastante delicado tanto na conceituação quanto nos acontecimentos que provocam tal atitude. Segundo Silva Filho e Araújo (2017), os órgãos oficiais de educação no Brasil não apresentam uma definição clara para a evasão. O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) explica que evasão é quando o aluno sai e deixa de participar do ambiente escolar, já o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) salienta que o abandono escolar consiste no afastamento do aluno sem a solicitação de transferência para outra unidade de ensino.

Silva Filho e Araújo (2017) demonstram ainda que essas explicações são muito ralas tendo em vista os diferentes motivos que levam um/a estudante a deixar a escola. Os fatores vão desde a desmotivação pelo ambiente de ensino que, muitas vezes, possui professores/as despreparados/as e um sistema educacional pouco atraente, à necessidade de trabalhar, falta de incentivo da família, envolvimento com drogas, álcool, prostituição. Elementos como esses tornam a evasão uma ação provocada ora por questões internas do/a estudante, ora por aspectos externos, fazendo com que diversos atores/atrizes sejam responsáveis pela ausência do jovem na escola.

É interessante que esse tema já foi pautado com frequência pela grande mídia em anos anteriores, mas, atualmente, perdeu força, sendo resgatado pelos/as jovens como resultado da oficina em Uauá. Os/as estudantes foram a uma escola pública com modalidade de Educação para Jovens e Adultos (EJA) investigar os motivos da evasão e os benefícios de concluir os estudos, mostrando que o problema ainda é comum e necessita ser mais discutido. A reportagem aborda o funcionamento da escola que recebe alunos/as adultos/as, tendo, no período de gravação da matéria, pessoas entre 16 a 50 anos de idade e evidencia o retorno desses/as aos

estudos. Para isso, expõe o exemplo de uma mulher que abandonou a escola com 14 anos, porque casou e precisou cuidar dos filhos, todavia, aos 30 anos retornou à instituição escolar para concluir a formação.

Por fim, a própria Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro virou pauta. A equipe construiu uma reportagem quente, na linguagem jornalística, ou seja, uma matéria sobre acontecimentos do dia, da semana (TRAQUINA, 2008). Os/as estudantes gravaram um dos encontros, entrevistaram uma jovem participante, a pesquisadora e ministrante da oficina e a coordenadora pedagógica da escola que acompanhou o desenvolvimento das atividades. Apresentaram informações sobre os motivos da realização, explicando a ligação do projeto com uma pesquisa de mestrado, procuraram saber a opinião da gestão escolar e dos/as estudantes sobre os encontros, dando destaque a depoimentos como estes: “Eu acordei super cedo com a disposição de conseguir a vaga”, falou a estudante entrevistada; já a coordenadora pedagógica ressaltou que “[...] motiva a despertar futuramente uma profissão, além de conhecer o contexto em que vivem”. A matéria ainda salientou benefícios da oficina, como a aprendizagem de técnicas do jornalismo, e revelou que os/as jovens participantes conseguiram compreender a importância dessa profissão para a sociedade.

É correto afirmar que todas as pautas definidas apresentaram discussões atuais e relevantes, explicitando o olhar pertinente dos/as jovens para o local onde vivem. Houve destaque para cultura, educação, história, esporte. Foram enfatizados problemas da região, como a falta de empregos e a desistência dos estudos, sem apelar para o fenômeno da seca, indo além da paralisia do estereótipo. Os/as estudantes mostraram realidades escondidas, pouco frequentes nos veículos tradicionais de comunicação, apontaram possíveis soluções e incentivaram ações de respeito, reconhecimento e valorização local.

Texto e imagem compondo um Semiárido sem estereótipos

A partir dos exemplos descritos na Introdução, deste artigo, se percebe que além da pauta, é o texto do repórter e as imagens gravadas pelos/as cinegrafistas que apresentam os maiores elementos da estereotipia e dos equívocos sobre a região semiárida nas reportagens da grande mídia. Entretanto, as produções dos/as estudantes analisadas aqui fugiram dessa perspectiva, trazendo como um dos aspectos mais visíveis a abordagem urbana das imagens.

Esse fato é importante para dar visibilidade àquilo que é evidente, mas, às vezes, parece despercebido nas construções midiáticas: o SAB também é urbano.

Se algum dia a roça foi predominante e exclusiva no Semiárido brasileiro, especialmente, na última década isso tem mudado. Moreira (2018) destaca que, a partir de 2003, “as principais cidades do interior nordestino elevaram sua densidade demográfica se assemelhando às paisagens dos grandes centros urbanos” (p. 140), é o caso de locais como Petrolina-PE, Campina Grande-PB, Irecê e Jacobina, na Bahia. Com isso, os costumes, o cotidiano, a paisagem, a vida tomam proporções diferentes daquelas vividas no ambiente rural, sendo fundamental que o jornalismo se atente para isso.

É notório que as condições de realização das reportagens da oficina não permitiram a ida dos/as jovens ao interior do município, contudo, quando se quer retratar algo é possível utilizar algumas técnicas, a exemplo da fotografia, para suprir os impasses de produção. Assim, o fato das gravações serem na sede de Uauá não significa a preponderância para a produção de imagens da cidade. Mesmo podendo encontrar estratégias para exibir o rural, os/as estudantes optaram por mostrar o Semiárido urbano, destacando aspectos como o movimento das ruas, as praças públicas (Figura 2) e um dos símbolos da cidade, a Igreja matriz (Figura 1).

FIGURA 1 – A arte de Chico Mocó



Fonte: [Reportagem, 2019]

FIGURA 2 - Praça pública de Uauá.



Fonte: [Reportagem, 2019]

Tal narrativa imagética direciona o olhar para o espaço onde os/as estudantes frequentam e corrobora com o que foi dito acima, o fato de muitas pessoas do SAB pertencerem a uma realidade urbana, viverem a agitação dos centros comerciais, estarem atreladas aos recursos desses ambientes, como táxi, *uber*, *shoppings*, trabalho em fábricas e indústrias etc. Atualmente, tais elementos não existem apenas nos grandes centros urbanos do Brasil, como São Paulo, local onde, em décadas passadas, vários nordestinos migraram em busca de emprego. Entretanto, o crescimento de algumas cidades do Semiárido, como as mencionadas anteriormente, permitiu uma migração reversa, muitas pessoas passaram a procurar emprego e

trabalhar nesses centros urbanos que oferecem “um crescente setor de serviços e de ocupações sazonais nas mineradoras e no agrobusiness” (MOREIRA, 2018, p. 147).

A construção histórica do Nordeste não urbano, não industrial, não constituído da modernidade presente nas cidades parece indicar a manutenção de interesses, talvez daqueles que se beneficiaram com as más condições de empregabilidade dos centros urbanos de referência no país (MOREIRA, 2018) ou daqueles que queriam constituir o Semiárido como um lugar pobre que necessitava da ajuda governamental (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999). Seja como for, nos tempos contemporâneos, muitas cidades do Semiárido são o destino de quem procura as demandas típicas da urbanidade. Revelar rastros dessa realidade exhibe o reflexo de novos modos de existência, mesmo Uauá se caracterizando, ainda, como uma cidade de pequeno porte.

A escolha dos cenários para a gravação das entrevistas também chama atenção, isso por conta dos elementos que compõem o enquadramento dado pelas equipes. Na reportagem sobre a evasão escolar, a gravação com a estudante da EJA foi feita na sala de informática da instituição. Além da repórter e da entrevistada, a imagem é composta por vários computadores ao fundo. Parece demasiadamente simples, mas, no contexto onde a miséria tem maior visibilidade, é importante salientar a inserção da tecnologia para mostrar que o Semiárido também conta com a utilização de instrumentos digitais e avanços tecnológicos.

FIGURA 3 – Entrevista na sala de informática.



Fonte: [Reportagem, 2019]

As tecnologias de comunicação estão crescendo no SAB. A internet, o celular, o computador e outros recursos podem ser encontrados até nas comunidades rurais mais distantes da sede dos municípios. A junção de tais ferramentas com projetos sociais que envolvem a juventude em propostas variadas de atuação e com as atividades escolares promove uma inclusão capaz de transformar a vida desse público (MOREIRA, 2018). Nesse contexto, ao

levar a estudante entrevistada para um ambiente de gravação cercado por computadores, a reportagem permite entender, inicialmente, a conquista vivenciada por essa personagem ao fazer o movimento de retornar aos estudos e, depois, a oportunidade de ter acesso ao suporte digital tão difundido e necessário ultimamente.

Nesse sentido, cabe identificar que a realização da oficina na Escola Municipal João Borges de Sá/ Espaço Municipalizado Senhor do Bonfim tornou visível como os/as estudantes são carentes do acesso às ferramentas digitais dentro do ambiente escolar, lembrando que fora dele o uso é frequente. Dentro dessa instituição, é proibido o uso do celular, exceto com a permissão da direção. Os/as estudantes contaram que poucas vezes fizeram uso dos computadores do Laboratório de Informática e para muitos dos/as participantes o momento de edição das reportagens, que foi realizado no espaço referido, foi o primeiro contato com os aparelhos. Esses fatos podem contribuir para a desmotivação do/a aluno/a pelo ambiente escolar, já que as restrições se tornam ultrapassadas diante do cotidiano desses jovens que tem, atualmente, tais tecnologias como protagonistas. Podem ainda provocar um atraso no conhecimento desse público, pois o uso dos instrumentos digitais, muitas vezes, se torna um auxílio importante para a construção do aprendizado.

Na composição dos/as estudantes, os cactos também saem de cena. A figura 4 revela que o destaque vai para diversas flores que ficam em segundo plano, durante uma entrevista sobre a Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro. Só um olhar atento consegue enxergar a presença de um mandacaru atrás das flores, mas recortado pelo enquadramento, mostrando que, realmente, o cacto não teve ênfase. É interessante imaginar que em meio a tantas possibilidades, os/as estudantes optaram por enunciar imagetivamente um local colorido, com uma vegetação diferente daquela que sempre se associa ao Semiárido: espinhos e galhos secos. Isso permite refletir que a percepção desses/as jovens sobre o lugar onde vivem leva em consideração outros símbolos e elementos de representação.

FIGURA 4 - Flores e cores durante entrevista



Fonte: [Reportagem, 2019].

Além disso, parece que os/as estudantes não estão “contaminados/as” pelo olhar fixo da estereotípia que só ver seca, mandacaru e sol e não se acomodam em representar a mesmice, pelo contrário, desenvolveram aquilo que Santos (2016) ressaltou ser necessário para construir um JCSAB: “Olhar do modo que ninguém está olhando e pautar o que ninguém está pautando. Sair da zona de conforto e da receita pronta das matérias sobre e no Semiárido” (p. 135).

Assim como o ambiente escolar foi bastante pautado nas reportagens, o esporte também ganhou atenção, tornando-se mais um elemento representativo do SAB. As imagens do ciclismo (Figura 5) e da brincadeira com a bola (Figura 6) enfatizam que as pessoas da região estão preocupadas em manter a saúde através da atividade física, viver momentos de lazer e diversão, bem como, buscar a profissionalização na prática esportiva.

FIGURA 5 - Prática do ciclismo em Uauá.



Fonte: [Reportagem, 2019]

FIGURA 6 - Estudantes brincam com a bola.



Fonte: [Reportagem, 2019]

Assim, a população desse Semiárido revela outras possibilidades de vida na região, que vão além da imagem e atividade do homem vaqueiro e da mulher com a lata de água na cabeça. Explicita a diversidade que é esse lugar tanto na questão ambiental, chegando a ser reconhecido como uma “colcha de retalhos” pela heterogeneidade ecológica (CARVALHO, 2004), formada por chapadas, vales, planaltos, serras, dunas e brejos, quanto em outras áreas. Além do clima, o SAB é “vegetação, solo, sol ou água. É povo, música, festa, arte, religião, política, história. É processo social. Não se pode compreendê-lo de um ângulo só” (MALVEZZI, 2007, p. 9). O registro dos/as jovens estudantes contribui para a construção de um imaginário próximo da realidade vivenciada nos anos dois mil por milhares de sertanejos/as, principalmente, os que residem nas zonas urbanas.

As imagens gravadas apresentam vários elementos significativos, contudo, no texto das matérias, o aspecto que mais chama a atenção é a ausência de referências sobre a vegetação, o clima e os problemas derivados da estiagem prolongada ou qualquer outra relação semelhante. A escrita se baseia na explicação da pauta central, sem fugir disso para tratar de assuntos

estereotipados, como foi percebido na reportagem da Rede Globo sobre o julgamento de Lampião, citada no início deste artigo. As frases utilizadas possibilitam maior entendimento sobre o tema, trazem informações complementares sobre a cidade de Uauá, “conhecida como a capital do bode”, como foi narrado na reportagem sobre a história da cidade. Salienta aspectos do artista local que o definem como “uma das figuras mais importantes para a arte e cultura de Uauá”, revela a relevância dos/as professores/as, identificados como “importantes em todos os sentidos, na educação e para o nosso futuro”.

Pode-se perceber ainda que os/as estudantes não ficaram apenas nos argumentos narrativos locais. Na matéria sobre a evasão escolar, o texto apresenta informações nacionais, apontando que “o índice de jovens que desistem de estudar no Brasil é muito alto”, utilizam uma questão da cidade onde vivem para compreender o que acontece em todo o país, assim como salientou Reis (2004) sobre o movimento da contextualização.

Na matéria sobre a Oficina de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro, há um indício de que a prática da reportagem parece ter despertado novos conhecimentos nos/as estudantes, identificado no seguinte trecho do texto da repórter: “O jornalismo abre portas para que os/as jovens tenham melhor acesso às informações de hoje em dia”. Foi com essa afirmação que a equipe encerrou a matéria, evidenciando a importância da comunicação experimentada que retrata a realidade dos/as estudantes, seus costumes, desafios sem apelações e sem equívocos. Um jornalismo que potencializa a liberdade de criação da juventude e que mostra a esse público criador, bem como, ao público receptor que é possível construir reportagens condizentes com o Semiárido atual. Ensina aos outros, os caminhos que podem ser trilhados, divulga os variados elementos de representação desse contexto e potencializa o aprendizado desenvolvido em sala de aula.

O desenvolvimento exitoso das pautas, imagens e textos, durante a oficina, esclarece que essa prática pode ser aderida pelos/as professores, incentivando os/as estudantes a fazerem alguns trabalhos das disciplinas a partir de reportagens, por exemplo. Sinaliza que, de modo especial, a gestão da Escola Municipal João Borges de Sá/ Espaço Municipalizado Senhor do Bonfim também pode agregar as técnicas de comunicação ao funcionamento da escola, tendo em vista que alguns/mas dos/as estudantes já se encontram com maior domínio sobre o assunto e o interesse que a oficina despertou nos/as jovens, fazendo-os/as cumprir todas as demandas com afinco.

Considerações finais

Esta pesquisa possibilitou compreender que a junção entre Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro e Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro foi bem-sucedida, proporcionando a construção de vários elementos de aprendizagem relevantes para o ambiente escolar, bem como para toda a comunidade externa. Entre outros aspectos, permitiu conhecer o modo como os/as estudantes pensam e enxergam o Semiárido onde vivem, sendo que a partir do olhar deles/as reportagens sem estereótipos negativos e corriqueiros foram construídas, moldando outra representação e entendimento sobre a região.

Os/as jornalistas aprendizes contextualizaram suas matérias e revelaram ambientes onde há conhecimento, alegria, práticas saudáveis, problemas. Desafiaram a vergonha, a timidez e a pouca experiência para dizer que há valor no que é local e que o diverso precisa ser abordado respeitando a pluralidade que detém. Ademais, o local não aprisiona ou paralisa, ele impulsiona a visão do todo, das questões que estão a redor, a nível regional e nacional.

Assim, o jornalismo e a educação contextualizados com o Semiárido brasileiro são capazes de preparar jovens conscientes, despertar suas habilidades, torná-los criadores/as de conteúdo, protagonistas que rompem lógicas estabelecidas e constroem o diferente com liberdade e criatividade. Como o presente foi beneficiado com essa conexão, o futuro também pode ser, pois é possível que os/as estudantes que participaram da oficina queiram permanecer na área e avançar. É possível que o senso crítico, o desejo de informar e ensinar com coerência modele o caráter de cidadãos/ãs e profissionais que promovam outros modos de entender e dar visibilidade à região onde vivem.

A escola onde a pesquisa foi desenvolvida e qualquer outro espaço de educação tem, então, na experiência explicitada aqui, um exemplo de que é viável e eficaz a junção dessas grandes áreas do conhecimento, e tem ainda um modelo que pode ser seguido ou alterado a partir das necessidades de cada realidade. Projetos pontuais podem ser utilizados, porém fazer educação contextualizada é tarefa do dia a dia, da sala de aula, é necessário que as diferentes disciplinas do currículo se comprometam nesse intuito, até porque, elas mostrarão variados modos de abordar o Semiárido brasileiro. Para tanto, o/a professor/a precisa ser capacitado/a tanto no uso das ferramentas digitais que não fizeram parte da vida de muitos/as desses/as profissionais, quanto para se aproximar dos conhecimentos que envolvem o Semiárido brasileiro e sua relação com a educação e o jornalismo.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN, ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.
- BRAGA, Osmar Rufino. Educação e convivência com o Semiárido: introdução aos fundamentos do trabalho político-educativo no Semiárido brasileiro. In: **Educação no contexto do Semiárido brasileiro**. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2004.
- CARVALHO, Luzineide Dourado. A emergência da lógica da ‘convivência com o semi-árido’ e a construção de uma nova territorialidade. In: **Educação para a convivência com o semiárido - reflexões teórico práticas**. Juazeiro-BA: Secretaria Executiva da Rede de Educação do Semiárido Brasileiro, 2004.
- FLACSO. **Brasil lidera ranking da OCDE de violência contra professores**. 2019. Disponível em: <<http://flacso.org.br/?p=23194>>. Acesso em 24. Ago. 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GLOBOPLAY. **Lampião é julgado no sertão pernambucano, 81 anos após sua morte**. Exibição em 10 de novembro de 2019. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8076298/>>. Acesso em 29. Nov. 2019.
- IBGE. **Cidades**. 2018. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/uaua/panorama>>. Acesso em: 26. Ago. 2020.
- KRUGER, Helmut. Cognição, estereótipos e preconceitos sociais. In: **Estereótipo, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas**. Salvador: EDUFBA, 2004.
- LIMA, Mismar. [22 de agosto, 2020]. Uauá-BA. Entrevista concedida à autora.
- MAGALHÃES, Célia Maria. A Análise Crítica do Discurso enquanto teoria e método de estudo. In: **Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso**. Belo Horizonte: Faculdade das Letras, UFMG, 2001.
- MALVEZZI, Roberto. **Semi-árido: uma visão holística**. Brasília: Confea, 2007.
- MARTINS, Josemar da Silva. Anotações em torno do conceito de Educação para a Convivência com o Semi-Árido. In: **Educação para a convivência com o semiárido - reflexões teórico práticas**. Juazeiro-BA: Secretaria Executiva da Rede de Educação do Semiárido Brasileiro, 2004.
- MOREIRA, Gislene. **Sertões contemporâneos: rupturas e continuidades no Semiárido**. Salvador: Eduneb; Edufba, 2018.
- NOVODVORSKI, Ariel. Representação de atores sociais. In: **Representação social em corpus de tradução e mídia**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- REIS, Edmerson dos Santos. **A contextualização dos conhecimentos e saberes escolares nos processos de reorientação curricular das escolas do campo**. Tese doutorado, Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2004.
- SANTOS, Fabíola Moura Reis. **O sertão que a TV não vê: o jornalismo contextualizado com o Semiárido brasileiro**. Dissertação, Mestrado Acadêmico em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos, Universidade do Estado da Bahia: Juazeiro-BA, 2016.

____. **O sertão que a TV não vê: o jornalismo contextualizado com o Semiárido brasileiro.** Teresina: EDUFPI, 2018.

SILVA FILHO, Raimundo Barbosa; ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima. **Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências.** Revista Educação por Escrito: Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 35-48, 2017. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito>>. Acesso em: 24. Ago. 2020.

SILVA, José de Souza. **Aridez mental, problema maior: contextualizar a educação para construir o ‘dia depois do desenvolvimento’ no Semi-Árido Brasileiro.** Apresentação do autor durante o Seminário Nacional sobre Educação Contextualizada para a Convivência com o Semi-Árido Brasileiro, Campina Grande-PB, 31 de Maio a 02 de Junho de 2010.

SILVA, José Valdevan Gonçalves da. [25 de agosto, 2020]. Uauá-BA. **Entrevista** concedida à autora.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo – A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional.** 2^a ed. Florianópolis: Insular, 2008.